



Director literario:

António de Oliveira
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

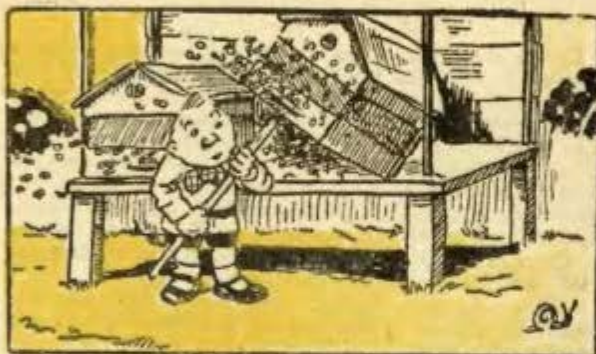
Eduardo de Almeida
PAPUSSE

O MENINO JOÃOZINHO

Por GERTRUDES PEREIRA



O menino Joãozinho
Mau e desobediente
Traz a mamã descontente
E mal disposto o paizinho.



Tão mauzinho é ele emfim,
Que, num dia de manhã,
Fugiu à sua mamã,
Foi brincar para o jardim.

Lesto qual mono sem par,
Para um canteiro trepou
E um cortiço destapou
Para os favos estragar.



Mas uma daninha abelha
De João se quiz vingar;
Por detrás sem ele esp'rar
Foi picar-lhe numa orelha.



Então, o nosso Joãozinho,
No mais infernal berreiro,
Desceu lesto do canteiro
E foi queixar-se ao paizinho.

Mas o pai que tinha ouvido
O chorar do seu João,
Ao saber bem a razão,
Diz-lhe, de riso perdido;

Queres favos, meu João?...
Vai buscá-los ao cortiço...
Creio que já não vais nisso
Porque foi boa a lição.



OS SETE CASTELOS

POR MARIA ROSA RÉSÉDA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Dentro em pouco o calor era tão intenso que Micaela parecia ter saído dum banho, tal era a transpiração. Súbito o fumo e o cheiro a enxofre desapareceram, só ficando as labaredas que se foram transformando pouco a pouco numa forma humana. Em breve surgiu em frente da pastorinha, a figura de um homem agigantado com uns pés muito exquisitos do feitio de pés de cabra, todo vestido de vermelho. Era o Génio do Mal e o Diabo, que são uma e a mesma pessoa. Sorrindo sardonicamente, o Génio do Mal deu dois passos em direcção de Micaela, que, aterrorizada com tão desagradável aparição, escondêra a cara nas mãos trémulas.

—Olha para mim, Micaela, disse êle soltando uma tremenda gargalhada; repara bem que o Diabo não é tão feio como o pintam...

Estendeu o comprido braço e obrigou Micaela a destapar o rosto.

—Ora agora sim! Essa cara tão formosa não deve ocultar-se pois é uma pena, apesar de nunca mais voltares para junto dos teus semelhantes. Estás em meu poder e creê que para sempre. Foste capaz de resistir às provações dos seis castelos, armados por mim e, esta então que era tão simples e fácil, caíste nela como um patinho... Já desesperava de te apanhar quando, de repente, me lembrei que as mulheres são muito curiosas. Nenhuma é capaz de resistir ao demónio da curiosidade. Por isso imaginei este estratagemma tendo de antemão a certeza que surtiria o êfeito desejado. Se tivesses saído do castelo sem abrires a caixa, então sim, encontrarías a felicidade. Mas descansa que no meu reino também serás feliz!... Agora acompanha-me àquele quarto; vou mostrar-te a felicidade que, por tua culpa, perdeste.

Penetraram num compartimento contíguo à salinha ver





melha, tódo êle furrado de alto a baixo de grandes espelhos do mais puro cristal.

—Tudo o que vires aparecer nos espelhos, disse o Génio do Mal, é a história da tua vida e dos teus pais, desde o teu nascimento até a idade que tens hoje.

Apontando para um dos espelhos ordenou:

—Olha para aquele com atenção.

Micaela obedeceu. O espelho conservou-se uns instantes límpido e brilhante. Cheia de ansiedade a pastorinha não despegava os olhos d'êle. Por fim viu um lindo palácio cercado de jardins deslumbrantes e, passeando, ternamente enlaçados, por uma alameda de lírios, uma linda jovem e um elegante mancebo trajando sumptuosamente.

—São teus pais, os reis do país dos Lírios, informou o Génio do Mal.

A pastorinha continuava olhando, ánciosamente...

Agora aparecia no espelho um quarto luxuosamente mobiliado e, curvados sobre um berço de ouro, onde se encontrava deitada uma linda criança de poucos meses, o mesmo mancebo e a mesma jovem da alameda dos lírios.

—Aquela criança és tu, disse o Génio do Mal.

O berço e o quarto sumiram-se. Apareceu depois, brincando junto de um lago, uma criança dos seus três anos de idade, de lindos caracóis de ouro. Perto, uma aia, de rosto antipático e olhar hipócrita, vigiava-a atentamente. De novo tudo desapareceu, o espelho tornou-se límpido e brilhante e mais nada apareceu nêle. O Génio do mal levou-a em frente de outro e ordenou-lhe que o fixasse. O mesmo cenário de ao pé do lago se desenhou na superfície lisa do cristal. Porém, agora, a aia estava escondida atrás de uma árvore e parecia esperar alguém. A criança continuava brincando. Em direcção à aia, caminhava apressadamente um vulto, embrulhado cuidadosamente numa grande capa negra. Chegando junto da árvore, deixou cair a capa e apareceu a figura vermelha do Génio do Mal.

—Repara bem no que vai suceder agora, disse êle com ar trocista.

O Génio do Mal e a aia trocaram algumas palavras e após a conversa, que não foi longa, êle entregou-lhe um saco vermelho bem recheado e embrulhando-se novamente na capa, desapareceu. Metendo avidamente a mão dentro do saco, a aia retirou-a de seguida repleta de libras em ouro e, então, um relampago de cubiça brilhou nos seus olhos mals. Era o preço da traição. Tudo sossegou no palácio. Na sua caminho dourada a pequenina princesa dormia sorrindo. A voz roufenha do Génio do Mal de novo se fez ouvir:

—Repara bem, Micaela, repara bem!...

Súbito, junto da caminho da criança surgiu alguém. Mausamente a aia tirou a pequenita do leito e envolvendo-a num grande chaitê, fugiu com ela do palácio. Encostado

a uma árvore do jardim, um vulto embrulhado numa capa negra, ria sarcasticamente. Agora passava-se a cena em casa dos proprietários do rebanho que Micaela apascentava. A maldosa aia entregava a criança à mulher do proprietário, recebendo em troca outro sacco cheio de ouro. Todos os tormentos e maus tratos que os seus patrões apellidavam de carinhos, desfiliavam por diante dos olhos da pastorinha. Novo quadro surgiu. Num campo coberto de bela erva, quinhentas ovelhas pastavam tranquilamente, destacando-se pela sua brancura e beleza, «Branquitas», a ovelhinha desaparecida.

Encostada a um sobreiro, tendo ainda no regaço alguns morangos, Micaela dormia profundamente. Aparecendo no meio do rebanho o Génio do Mal roubava a ovelhinha e depois pronunciou as palavras que haviam acordado completamente a pastorinha. A cena das lagrimas, que se transformaram em sete bolinhas de ouro, a aparição do Génio do Bem, a partida de Micaela para os Castelos, e, finalmente, a sua chegada ao Castelo Vermelho, tudo ali se representava. Por fim, o espelho, como nada mais tinha para mostrar, tornou-se de novo límpido e brilhante. Porém, Micaela ainda não vira tudo, como imaginava.

Com ar trocista, o Génio do Mal, levando-a para um angulo do quarto e indicando-lhe um espelho mais pequeno, disse:

—Vais presenciar agora o que te succedia se não tivesses aberto a caixa.

No espelho apareceu o Castelo Vermelho. Micaela, que resistira à tentação de abrir a caixinha, abandonava-o radiante, certa que iria encontrar a felicidade. Mal se afastou vinte passos em direcção a uma clareira, appareceu-lhe a ovelhinha Branquita, balindo e saltando alegremente, e, ao mesmo tempo, com enorme fragor, o Castelo derruia completamente e os destroços transformavam-se em morcegos, que, estonteados, se afastavam aos bandos. Micaela, muito contente, beijou o focinho da Branquita. Mal os seus labios lhe tocaram, a ovelhinha desapareceu, surgindo no seu logar a rainha dos Lírios, sua mãe, que a apertava de encontro ao peito, cobrindo de beijos loucos o sedoso cabelo da filha.

—Esquecia-me de te dizer que, logo que foste roubada, transformei tua mãe na ovelha Branquita, só pelo prazer de arrelhar teu pai, que eu detestava. Nunca mais voltará à sua primitiva forma e, foste tu, a sua filha, que a condenaste, devido à tua curiosidade. O rei, teu pai, sofreu tamanha desgosto com o desaparecimento da esposa e da filha, que emudeceu. Vagueia constantemente pelo palácio e não faz senão chorar. Devido às lágrimas que tem derramado, ha dezoito anos, está quasi cego.

Micaela não quiz ouvir mais. Fugiu para a salinha encarnada e desatou a chorar, a lamentar a sua desdita e a dos pobres pais, que, por sua culpa, nunca mais recuperariam a felicidade.

—Depois do mal a caramunha,—resmungou o Génio do Mal, impaciente. Previno-te que detesto choramingas.

E, como Micaela redobrasse o choro e os gemidos, êle tornou zangado:

—Vou dar-te um remedio que te porá alegre e bem disposta num instante.

(Continúa na pág. 7)

Caridade

POR

FERNANDO A. SIMOES

DESENHOS DE ED. MALTA



OR uma fria tarde invernãl, dois jovens que aparentavam ter um 12, outro 14 anos de idade, seguiam apressadamente por um aulho que ladeava a estrada. A chuva miudinha que caía fustigava-lhes o rosto, enquanto o vento os obrigava a puxarem bem os casacos para si. Seguiam apressadamente, como dissemos, pois não queriam chegar a casa já de noite.

— Brr... Maldito tempo! Daqui a pouco morreremos gela-

dos! dizia um, o mais velho.

— Qual! Um pouco mais e estaremos em casa! respondia o mais novo.

Súbito, um latido lúgubre, sinistro, atravessou o espaço indo ferir os ouvidos dos dois rapazes.

Eles não eram supersticiosos, mas aquele latido medonhamente sinistro, naquele descampado onde nem vivalma

se avistava, por uma tarde chuvosa e fria enchia-os de pavor.

— Mais depressa... mais depressa...! dizia o mais velho.

Mas outro latido o interrompeu.

Os dois rapazes pararam a olhar um para o outro, aterrados.

Terceiro latido sucedeu ao segundo.

E logo outro, outro, e tantos que parecia que o que os soltava estava sofrendo imenso.

Aos latidos sucedeu um ganir desesperado tão triste e com uma intonação tão dolorosa, que Anibal, o mais novo dos dois rapazes, perdendo o medo que o empolgara exclamou:

— E se nós fôssemos ver o que é? Parece que o cão está doente!

— Estás louco? Preocuparmo-nos com cães, com o tempo que está? Se está doente tanto pior para ele! respondeu Abílio, o mais velho.

— Pois deixá-lo! O cão parece-me aflito e toda a minha vida teria remorsos se não fôsse ver o que o cão tem.



E dizendo, foi-se aproximando do sítio donde pareciam vir os latidos.

Abílio, primeiro fingiu que continuava o seu caminho mas vendo que Anibal se não importava e continuava a caminhar para onde estava o cão, pensou que não tinha outro remédio, e lá o seguiu resmungando sempre contra a idéia que o irmão tivera.

Anibal que caminhava mais depressa, em breve chegou ao sítio donde vinham os latidos.

Deitado por terra, viu um cão, grande, forte.

Não tinha açaima nem coleira, a sua barriga quasi desaparecera, decerto com a fome, e do pescoço corria sangue, abundantemente.

O bom coração de Anibal contrangeu-se dolorosamente ao presenciar este espectáculo e logo resolveu não saír dali enquanto o cão não estivesse curado, e disse para Abílio, que acabava de chegar:

— Espera um pouco, se queres! Com esta água da chuva vou lavar a ferida ao cão, e depois fazer-lhe um penso improvisado.

— Mas tu enlouquecêste? Queres talvez curá-lo, não?

— Então? Pois não é esse o nosso dever?

— O nosso dever! O teu talvez, que és um piegas, e qualquer coisinha te faz chorar; quanto a mim, o meu dever é continuar o mais depressa possível o meu caminho, para chegar a casa quanto antes.

— Sim! Para chegares lá, sentáres-te confortavelmente ao pé da fogueira, e comeres uma boa sôpa que te aqueça, não?

— Pois, certamente!

— E entretanto este pobre cão que môrra para aqui cheio de fome, de frio, e com uma horrível dentada no pescoço, decerto feita pelos lobos que abundam do outro lado da-quele monte.

— Ora! que me importa a mim o cão?

Ainda se fôsse um homem.

— Por ventura o cão não é como nós um ser, que pensa, vive e sente?

— Está bem! Será muito certo o que dizes mas eu vou-me embora.

— Faze o que quizeres! Eu daqui não saio.

— Pois então fica. Até logo!

E sobráçando o capote, com que se cobriu o mais possível, afastou-se a passos largos.

Anibal, o valente e bom rapazinho, ficou só. No seu lugar, com 12 anos apenas, qualquer outro teria medo de se encontrar ali sózinho, debaixo da chuva que começava a cair com abundância, já mal se vendo, por começar a anoitecer e ouvindo ao longe, como um soluço, os latidos sinistros dos lobos.

Ele porém, não! Todo entregue à sua tarefa, de pôr um penso ao animal, nem reparou no que o rodeava.

Meia hora depois teve a satisfação de ver que o cão se levantava e dava alguns passos. Então, dum embrulho que levava debaixo do braço, tirou um naco de carne, que lhe ficara do almoço e estendeu-o ao cão, que o comeu vorazmente.

Muito embora não fôsse o suficiente, como nada mais

tinha para lhe dar, preparava-se para se afastar quando o cão lhe lançou um olhar em que se lia a sua gratidão, duma maneira tão expressiva, tão eloquente, que fez vir as lágrimas aos olhos de Anibal e o fez mudar de tenção.

— E se eu o levasse para casa? pensou êle.

O pai decerto que se não importava.

Então principiando a andar, viu com alegria que o cão o seguia dócilmente.

A chuva aumentava sempre de violência, e parecia estar iminente algum furacão.

Sempre seguido pelo cão, Anibal apressava o passo, emquanto o vento zunia por entre os interstícios das árvores, e lá muito ao longe, os lobos uivavam sinistramente...

Uma hora depois, Anibal chegava à cidade e depois a casa.

Com grande espanto seu, os pais ficaram admirados de, em lugar de Abílio, verem aparecer um cão.

Porque Abílio ainda não chegara.

Que seria feito d'êle?

Esta pergunta fez Anibal a si próprio.

Abílio deixára-o muito tempo antes d'êle se vir embora, e havia já meia hora, pelo menos, que êle devia estar em casa.

Inquieto com a ausência do irmão, Anibal contou ao pai tudo quanto se passara, desde que ouviram os latidos até que chegou a casa.

— Só se êle se perdeu... opinou o pai.

— Talvez sim! Mas agora como havemos nós de encontrá-lo, com esta noite?

— Não sei; esperemos um pouco mais e se êle não vier, vamos procurá-lo mesmo com esta chuva.

Ansiosos, pai e filho não tiravam os olhos do relógio.

Bateram as 9 e depois as 10, mas quando bateram as 10 e meia, Anibal poz-se resolutamente a pé dizendo:

— Vou procura-lo.

Vestiu o seu grosso capote, enterrou até às orelhas o



chapeu, e saiu, acompanhado pelo pai que empunhara a sua caçadeira, e pelo cão.

Debalde procuraram Abílio.

Não aparecia dele o mais pequeno vestígio.

A chuva amolecera o terreno, e Anibal e o pai, a custo caminhavam sobre aquele lamaçal.

O vento que parecia querer levar tudo diante de si, quasi lhes cortava as carnes, tanta era a sua frieza.

Desesperavam já de encontrar Abílio e preparavam-se para voltar para casa, quando Anibal teve uma idéa.

Enquanto o pai esperava por ele segurando o cão, correu a casa e trouxe de lá um barrete do irmão.

Disse ao pai o que queria fazer, e os três encaminharam-se para o sítio onde haviam encontrado o cão.

Era ali o último sítio onde Anibal sabia com certeza que o irmão tinha estado.

Então, atou ao pescoço do cão uma grossa corda, de que segurou a extremidade e deu-lhe a cheirar o barrete de Abílio.

Ele não ignorava que os cães possuem a faculdade de descobrir uma coisa ou uma pessoa pelo cheiro, pelo faro, e esperava que o cão que ele havia salvo descobrisse o paradeiro do irmão, dando-lhe a cheirar o barrete.

Efectivamente, mal o cheirou, o cão começou logo a fazejar por um lado e por outro, por certo à procura do rastro, e quando o encontrou, que foi exactamente no sítio onde Abílio estava quando dissera «Até logo!», partiu à desfilada.

Segurando a corda à qual o cão ia preso, Anibal corria também, sempre atrás dele, e seguido a pouca distância pelo pai que os não perdia de vista.

Correram assim à desfilada durante uns vinte minutos até que, com grande espanto de Anibal, o cão parou, de

olhos muito abertos e o pelo eriçado dando a entender que estava possuído dum grande terror.

Anibal e o pai olharam indecisos um para o outro.

Mas logo tiveram a explicação: a menos de vinte passos ouviram latir um lobo.

Anibal sentiu que os cabelos se lhe punham também em pé, enquanto o pai, como homem já habituado àquelas coisas, engatilhava a caçadeira e avançava resolutamente.

Então Anibal perdeu o medo, e dando uma palmada no cão, obrigou-o a seguir novamente a carreira interrompida.

Mas o cão já não corria, avançava cautelosamente, de vagar, receando ver aparecer dum momento para o outro, algum dos adversarios tão temido.

Mas de súbito deu um puxão tão violento à corda que Anibal a deixou cair das mãos.

Deitou a correr vertiginosamente, não para traz, a fugir, mas para o sítio onde estavam os lobos, que eram três. Como um furacão, caiu sobre dois deles, e cão e lobos rolaram pelo chão, numa luta de morte.

Angustiado, Anibal seguia todas as peripecias da luta enquanto o pai apontava tranquilamente a caçadeira sobre a terceira fera, que indecisa, não sabia se havia de atirar-se ao cão, ou fugir, deixando aos outros o cuidado de o matarem.

O tiro partiu, e a fera dando um pulo deitou a correr durante alguns segundos, depois do que, caiu morta: a bala atravessara-lhe o coração.

Por seu lado os outros dois, não levavam a melhor ao cão, que se vingava da dentada que outros lhe haviam dado. Um deles apanhara tamanha dentada no focinho, que, quando de dor, abandonou a luta indo cair a alguns passos.

Receando que ele se levantasse, novamente o pai de Anibal visou-o cuidadosamente e disparou.

Fulminada, a fera nem se mexeu: estava morta.

Mas o terceiro lobo é que não parecia resolvido o ceder o campo ao cão. Ladrando furiosamente, este não atacava de frente o adversario, antes pulando dum lado para o outro esperava apanha-lo de costas.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

PARA OS MENINOS COLORIREM

